

A MANIFESTAÇÃO DO GÓTICO EM CONTOS DE TERROR E MISTÉRIO DE EDGAR ALLAN POE

Fernando Soares Ferreira de Santana¹

RESUMO: Este artigo busca teorizar e analisar o Gótico e a representação deste estilo em alguns contos de Edgar Allan Poe, sendo eles *O Poço e o Pêndulo*, *Os Fatos do Caso do Sr. Valdemar*, *Berenice* e *O Barril de Amontillado*. Utilizando a pesquisa bibliográfica, buscamos entender o terror e mistério, assim como o horror, nas obras de Poe por meio de Cortázar (1974), Vanspanckeren (1994), Silva (2012) e Matroca (2017), teorizando sobre os temas que encontramos nos contos poeanos e a relação deles com o estilo literário gótico e com a sua própria persona, que reflete em suas produções. As temáticas de suas obras estão, em sua maioria, voltadas ao terror e mistério, com personagens melancólicos e isolados, resultados da mente de um dos maiores escritores norte-americanos da história da literatura.

Palavras-chave: Gótico; Literatura; Terror e mistério; Horror.

THE MANIFESTATION OF GOTHIC IN TALES OF TERROR AND MYSTERY OF EDGAR ALLAN POE

ABSTRACT: This article seeks to theorize and to analyze the Gothic and the representation of this style in some stories of Edgar Allan Poe, being them *The Pit and the Pendulum*, *The Facts in the Case of M. Valdemar*, *Berenice* and *The Cask of Amontillado*. Using bibliographical research, we sought to understand the terror and mystery, as well as horror, in Poe's works according Cortázar (1974), Vanspanckeren (1994), Silva (2012) and Matroca (2017), theorizing about the themes that we find in the Poe's tales and their relation with the Gothic literary style and with his own personal life, which can be seen in his productions. The themes of his works are mostly focused on terror and mystery, with melancholy and isolated characters from the minds of one of the greatest American writers in the history of literature.

Keywords: Gothic; Literature; Terror and mystery; Horror.

INTRODUÇÃO

Edgard Allan Poe (1809 - 1849) foi um escritor estadunidense emblemático e polêmico dentro da sua época e até os dias atuais, sendo marcado por ter sido um dos primeiros escritores a tentar ganhar a vida com suas próprias produções literárias. Sua prática da crítica sempre foi embasada em um profundo e incansável trabalho com literatura poética e ficcional.

¹ Graduado em Letras na UNEMAT, Câmpus Universitário Professor Eugênio Carlos Stieler. Foi bolsista do Programa Institucional de Residência Pedagógica da CAPES (subprojetos Letras - Inglês). *E-mail:* fernando.soares@unemat.br.

Revista Moinhos. Tangará da Serra, vol.7, 2019.

Com seu estilo literário gótico, Poe inaugurou o conto moderno por meio do fantástico e do sobrenatural, alinhado com uma estilística matemática, cuja brevidade narrativa convergia no que ele mesmo buscava: a unidade de efeito. A beleza do equilíbrio cognitivo e emocional, algo que Aristóteles, em sua poética, definira como catarse, é o que o autor almejava abordar. Para ele, essa beleza poderia ser alcançada e isto é o que o torna genial: pela beleza representada mediante o choque, o horror, e a perversidade humana.

As narrativas de Poe partem da ideia de um epílogo e, a partir da ideia de como seria o final, todo o desfecho da trama chegava ao clímax, sempre com a noção de que nada do que é dito é supérfluo. Com predisposição a encarar o lado obscuro da mente humana, o autor não foi bem visto pelos críticos literários da época, que definiram sua escrita “estranha” como o produto de uma mente torpe.

Percorrer a maldade, o macabro, o metafísico e os labirintos de uma psique autodestrutiva fez com que Poe procurasse o isolamento. Lugares sombrios, castelos, fossos e locais fechados são alguns dos espaços que manifestam todo o teor melancólico de sua essência, além da claustrofobia vivida pela sua mente.

Edgar Allan Poe promoveu uma modernização no que diz respeito aos contos e poemas, levando em consideração seu jeito transgressor com o romantismo daquela época, por meio do Gótico.

O sulista Edgar Allan Poe compartilha da visão metafísica e sombria de Melville, que reúne elementos de realismo, paródia e burlesco. Ele aperfeiçoou o gênero do conto e inventou a ficção policial. Muitas de suas histórias prefiguram os gêneros de ficção científica, horror e fantasia, hoje tão populares (VANSPANCKEREN, 1994, p. 42).

Os aspectos transgressores e experimentais são percebidos em sua estética, acima de tudo na linguagem, estabelecendo essas marcas o elo que as produções de Poe possuem com o romantismo, que por intermédio do gótico demonstrava seu estilo, que se encaixa nas propostas deste movimento literário.

Com o passar dos anos, as obras do escritor ganharam muito destaque e se tornaram objetos de estudos e análises. Sua visão de crítico e poeta com certeza se tornou essencial para compreendermos a razão de seus poemas e contos resultar no sucesso e na consagração de suas obras. Essas obras reverberam até os dias atuais, não só pelos elementos vanguardistas para a época e todo este horror e medo passados pelos seus contos, mas, pelo modelo amparado por erudição em temas, tanto no teórico quanto linguístico.

A ORIGEM DO GÓTICO E SUAS INFLUÊNCIAS

A palavra “gótico” remonta à Idade Média e vem de uma tribo germânica, os *godos*. No século XVI, procurava-se uma maneira de construir outra civilização, ou seja, uma civilização germânica, sobre os escombros do Império Romano. Queriam fazer uma contracultura, da mesma forma que Poe transcreve a morte, por exemplo, que além de ser um assunto que não se observava com ênfase na literatura da época, não era abordado da mesma forma com que o autor a tratava. Com essa forma de transgressão ao tratar de temas peculiares, observamos que essa contracultura se estabelece.

Foi na área da arquitetura que o nome gótico teve significado, antecedendo a literatura. As enormes estruturas como as altas torres e grandes espaços, os vitrais com suas iluminações coloridas e afins traziam o significado de que o homem tivesse a maior comunicação com Deus. A intenção desta arquitetura gótica era mexer com emocional das pessoas, trazendo a sensação de vulnerabilidade.

O estilo literário Gótico é principalmente caracterizado pela mescla do romance e o romanesco, concentrando-se em como os fatos irão ser apresentados. As narrativas góticas são por vezes assombrosas, havendo também um clima de terror e suspense que gera nos leitores desse tipo de produção uma certa aflição, e é crescente ao longo de uma narrativa gótica. Entre os maiores nomes da literatura gótica clássica estão Edgar Allan Poe, Lord Byron, Mary Shelley, Charles Baudelaire, entre outros que são consagrados até os dias atuais.

Retomar a ideia do sublime é essencial para adentrar ao Gótico, conceito de Kant que é utilizado para falar da literatura, e de todas as Artes em geral, que almejam o infindável e o grandioso. O Sublime é definido pelo que é totalmente magnífico e absolutamente magnífico e está muito além da compreensão. Essa grandeza não podemos ver na natureza, porque essas magnitudes dependem da visão de cada ser, ou seja, são relativas, porém o imaginário é a única forma de ter uma representação da natureza. Contudo, isso possui um limite e não compreende o conceito do que é magnitude, por esse motivo o sublime só é detectado nas mentes.

AS MARCAS DO GÓTICO NAS NARRATIVAS DE TERROR E MISTÉRIO

As produções da literatura gótica, em sua maioria, estão ligadas ao terror e ao medo, influenciando a emoção e o imaginário do leitor. Além disso, no gótico, encontramos heróis misteriosos e heroínas puras, histórias de mistério, contando algumas vezes com monstros, dentre outros seres sobrenaturais. Beghini (2010) nos traz considerações sobre o terror, o medo e seus impactos sobre o leitor, especificando que:

O terror é um gênero literário riquíssimo, pois mostra ao leitor o que não é convencional em narrativas, mas que está presente em cada um de nós. Todo ser humano, desde a infância, tem vários medos e os alimenta a cada dia, seja por desconhecer algo e persistir na ignorância, seja por vivenciar experiências traumáticas, seja através do medo alheio, que é divulgado e se torna de senso-comum. O medo, a principal sensação que se tem ao ler um livro de Edgar Allan Poe [...], por exemplo, é uma descarga enorme que causa considerável impacto físico-emocional no indivíduo. Portanto, as mensagens que o texto de terror nos transmite, sejam elas explícitas ou implícitas, serão gravadas irremediavelmente na memória, fazendo-nos muitas vezes até sonhar com tais situações macabras (*apud* SILVA, 2012, p. 240).

A construção da atmosfera é uma das questões que mais pesam para o efeito gótico. Muitas vezes as produções se constituirão por meio de um clima fantasmagórico, de terror e suspense, algumas vezes psicológico, podendo trazer também o sobrenatural. Essa atmosfera sombria é essencial para envolver o leitor e provocar uma certa inquietude, característica central das narrativas góticas.

Nessas produções também podemos encontrar o que é estranho na alma humana, o lado sombrio, obscuro, a maldade, vingança ou soberba extrema, que de certa forma procuramos esconder, mas não deixa de fazer parte da essência humana. Vemos o lado humano perverso e mau, que está acima do errar por ignorância, que se contrapõe ao lado solar racional, da bondade, que nos é familiar e conduz a realidade. Já o lado sombrio leva os homens às trevas, ao desconhecido, ao inferno. O gótico admite que o bizarro e o angustiante não são visíveis, porém invisíveis ao homem.

O GÓTICO EM CONTOS DE POE

Falar de horror, medo, morte, como Edgar Allan Poe faz, desnudando os mais frágeis conceitos do binômio certo-errado, escarnecendo o que há de mais vil no ser humano, adentrando em lugares lúgubres, em sentimentos como a angústia, a solidão, a traição, a profanação soturna e inexplicável colocou o autor no lugar de quem assume que todos esses elementos não são externos aos homens, todavia, fazem parte da seu *ethos*. Matroca (2017, p. 181) explica o encantamento que o leitor tem ao ser cativado pelas narrativas de horror:

Para explicar esta atração que o horror exerce no público, devemos ter em consideração a figura do elemento transgressor, pois é ele que, de algum modo, nos seduz. A simpatia pelo vilão advém, essencialmente, do seu poder e da sua influência sobre as restantes personagens. Por esse motivo, podemos afirmar que a força e o poder do vilão são superiores aos do herói, independentemente de qual seja o seu fim na obra.

Revista Moinhos. Tangará da Serra, vol.7, 2019.

“Poe acreditava que a estranheza era um ingrediente essencial da beleza e seus textos são muitas vezes exóticos” (VANSPANCKEREN, 1994, p. 43). Ao tocar em temas transgressores como a necrofilia, terror psicológico e a perversidade humana, Poe cria uma esfera sombria, que gera aflição no leitor, tornando-se desta maneira um transgressor dentro da transgressão.

Acreditamos que a biografia do autor explica muito da necessidade em externar os temas que Poe trata em suas obras, sendo a sua história um fator primordial para adentrar no mais profundo da maldade humana. Durante grande parte da vida, o aturo viveu miseravelmente, cercado por diversos traumas e perturbações:

A curta e trágica vida de Poe foi atormentada pela insegurança. Como tantos outros grandes escritores americanos do século 19, Poe ficou órfão muito cedo. Seu estranho casamento, em 1835, com sua prima Virginia Clemm, de 14 anos incompletos, foi interpretado como uma tentativa de encontrar a vida familiar estável que tanto lhe fazia falta (VANSPANCKEREN, 1994, p. 42-43).

O autor tem uma histórico triste em relação à morte, porque perdeu as mulheres mais importantes em sua vida, sua mãe e sua esposa. Sobre os temas das obras de Poe, Cortázar (1974, p. 126) afirma:

[...] se apresentará para ele sob a forma de sonhos, alucinações, idéias obsessivas; a influência do álcool e, sobretudo, a do ópio, facilitarão sua irrupção no plano consciente, assim como sua aparência (para ele, em quem se percebe uma vontade desesperada de se enganar) de achados imaginativos, de produtos da idealidade ou faculdade criadora.

Percebemos a essência de Poe transparecer através de suas obras, dentre elas os seus contos de terror e mistério, fazendo com que o autor se insira na proposta do Romantismo, que fugia do Classicismo, mostrando uma literatura transgressora, que ia contra a harmonia, explorando a desordem e deixando transparecer do seu mais íntimo em suas produções.

O POÇO E O PÊNDULO

No conto *O Poço e o Pêndulo*, o leitor se depara com a narrativa do aprisionamento de um indivíduo por forças da Inquisição e que, sozinho, é submetido a uma série de horripilantes torturas psicológicas. O horror, o medo e a espera pela morte estão subsidiados neste conto pelo espaço físico de uma masmorra na cidade de Toledo, Espanha, lugar de destaque nas torturas aos esconjurados da época da Inquisição Espanhola da Igreja Católica.

Revista Moinhos. Tangará da Serra, vol.7, 2019.

Além do espaço físico, Poe vai tratar neste conto do espaço psíquico de um condenado a esta masmorra, fazendo com que o leitor encare como mais difícil a libertação desses dois dantescos obstáculos. A claustrofobia do condenado, sem saber se vivo ou morto, com pouquíssimas lembranças de como veio parar ali, será o início para uma luta psicológica da qual o leitor consome em todas as palavras do conto a angústia e a incerteza do condenado.

De um lado, uma vontade imensa de se livrar logo daquela situação com a morte, por outro, um fio de esperança de escapar. O leitor se identifica com esta esperança, haja vista que ela é inerente ao ser humano. Com isso observamos o que Cortázar aponta: “Poe escreverá seus contos para dominar, para submeter o leitor no plano imaginativo e espiritual” (1974, p. 121).

Ao adotar esta recepção externa, Poe causa um desconforto no leitor que se encolhe intuitivamente dentro da masmorra. O espaço físico da masmorra é o ambiente que cria esta vulnerabilidade do condenado de forma que ela agride muito mais a mente do que o corpo. A masmorra é um obstáculo materializado e a cada momento vai se tornando um labirinto de acontecimentos que se materializa no obstáculo psíquico, tornando um nefasto sentimento de luta contra morte.

A masmorra lúgubre, sombria, fria, molhada, escura, fechada, com ratos nos transpõe em imaginação do fatídico ambiente do condenado. A mente do condenado se apresenta de forma confusa, influenciada pelo frio, sede, fome, além de perturbada, indefesa e indecisa, com medo. A exploração da psique humana e a construção como um todo corrobora a verossimilhança dos contos poeanos, como aponta Vanspanckeren:

Para explorar os aspectos exóticos e estranhos dos processos psicológicos, Poe mergulhou em relatos de loucura e extrema emoção. O estilo penosamente intencional e as explicações elaboradas nas histórias intensificam a sensação de horror, por tornarem os eventos vívidos e plausíveis (1994, p. 44).

Entre a masmorra e a psique, encontraremos elementos góticos presentes no conto assim como todas as suas consequências que também produzem o efeito de barbárie, ou seja, de desestabilização do personagem. Em diversos momentos podemos acompanhar momentos de asco e agonia, como quando os ratos do poço andavam sobre o prisioneiro:

Selvagens, ousados, famintos — seus olhos vermelhos brilhando em minha direção como se só esperassem a imobilidade de minha parte para tornar-me sua presa. “Com que alimento”, pensei eu, “acostumaram-se eles no poço?” [...]Contorcendo-se por minha garganta; seus lábios frios tocando os meus; eu quase sufocava com suas hordas fervilhantes; um asco para o qual o mundo não tem nome

Revista Moinhos. Tangará da Serra, vol.7, 2019.

intumescceu meu peito e enregelou, com uma pesada viscosidade, meu coração (POE, 2012, p. 50).

Esses sentimentos fazem com que o personagem, num ímpeto de sobrevivência, apele àquilo que lhe é inerente. Mesmo abalado psicologicamente, abraça cada possibilidade de se manter vivo.

O medo advém do desconhecido, do que está por vir. O desconhecido desencadeia na psique do condenado uma sensação de impotência, o medo. Esse medo também alcança os leitores numa escala quase tão angustiante quanto ao personagem. O estreitamento entre realidade e imaginário é aquilo que faz com que o leitor transponha as paredes da masmorra e vivencie sua angústia. É desta forma que o terror psicológico, presente no conto, fratura o conhecido e nos familiariza, enquanto leitores, com nossa própria obscuridade, ou seja, com nossos “monstros”.

OS FATOS DO CASO DO SR. VALDEMAR

Neste conto, o narrador relata a experiência com o mesmerismo da qual participou, tendo voltado seu olhar para esse assunto já desde algum tempo. Para isso ele teria que realizar testes em uma pessoa que estivesse na fase final de sua vida, próximo da morte. Foi quando lembrou de seu amigo já idoso e enfermo, Sr. Ernest Valdemar.

Ele faz uma proposta ao moribundo e, para sua surpresa, o doente aceita. Juntamente com sua equipe, ele dá início ao experimento: “Conversamos francamente sobre o assunto; e, para minha surpresa, seu interesse pareceu vivamente despertado” (POE, 2012, p 75).

Como Sr. Valdemar sentia muitas dores devido a tuberculose, a hipnose seria uma forma de acabar com o sofrimento do paciente, mas o desfecho dessa história se deu de forma a quebrar as expectativas: o doente ficou hipnotizado durante sete meses, estando a mente, durante este período, desligada do corpo.

Na narrativa, o protagonista tenta manter o amigo vivo, mesmo sabendo de suas condições. A ideia que se tem é que, pelo fato de ele ter perdido suas mulheres para a morte, foi manifestada uma tremenda comoção pela morte de Valdemar.

Depois do experimento e de ter passado por uma observação, o senhor Valdemar estava morto a um certo tempo, contudo permanecia em estado de hipnose. Em meio a essa temática de morte-em-vida, encontrada em outros contos poeanos, percebemos a amplitude do efeito do terror:

Revista Moinhos. Tangará da Serra, vol.7, 2019.

Se colocarmos a definição de horror como sendo um intenso medo e dor, no estado físico, ou medo e desânimo, no estado psicológico, o gênero não pode ficar preso apenas nos conceitos sobrenaturais, pois o horror lidará com a humanidade, com a vida e aquilo que ela propicia ao ser humano (SILVA, 2012, p. 241).

Os intensos sentimentos que invadem o leitor durante a leitura são de nojo e repulsa ao analisarmos o desfecho:

Conforme eu rapidamente executava os passes mesméricos, em meio a exclamações de “morto! morto!” definitivamente prorrompendo da língua e não dos lábios do enfermo, seu corpo todo subitamente — no espaço de um único minuto, ou ainda menos que isso, encolheu — desintegrou-se — se decompôs por completo sob minhas mãos. Em cima da cama, diante de toda a equipe, nada mais havia que uma massa quase líquida de uma asquerosa — detestável — podridão (POE, 2012, p. 82-83).

Percebemos a necrofilia no conto devido ao narrador ter esse contato com o corpo, mesmo estando inanimado, tentando de toda forma manter o cadáver vivo, subestimando as leis da natureza, isso enquanto o corpo do Sr. Valdemar, sendo utilizado para experimentos horripilantes, apodrece em cima da cama. Esse fato é marcado pelo horror que causa no leitor pois o contato com seres cadavéricos, assim como o diálogo que é estabelecido com o mesmo, causa um espanto peculiar.

Essa peculiaridade é o que se traduz na beleza, afinal, ela está inserida nessas representações que vêm das obras de Poe e se manifestam de uma forma diferente do que geralmente pode ser entendido como belo. Se observarmos literaturas que são opostas à essa contracultura das obras do autor, vemos que existe um conceito de belo já estabelecido e que geralmente está relacionado, principalmente na poesia, ao uso das palavras. Contudo, Matroca (2017, p. 193) reflete que “[...] a coexistência entre a beleza e o horror é essencial para compreender o espírito da Modernidade [...]”. Com essa afirmação, vemos que o belo contido no horror está intrínseco à modernidade, trazendo um novo olhar do belo, aquele que gera o medo, o suspense, causando um dos mais espetaculares efeitos dos contos de Poe.

BERENICE

Dentre os contos de Edgar Allan Poe que mais chocam está *Berenice*. Nele observamos momentos na vida de Egeu, narrador participante, e sua prima Berenice. Ambos conviviam desde a infância e se amavam. Vemos muitos momentos de exaltação à beleza e alegria de Berenice, alvo de descrições amorosas de Egeu, tendo ambos cogitado até mesmo o noivado.

Em muitos momentos do conto, vamos observando pela narração de Egeu o seu caráter melancólico, se auto observando como alguém “debilitado de saúde”. Este tipo de personagem segue uma tendência nas obras de Poe.

As personagens melancólicas parecem nunca trabalhar ou ter vida social; ao contrário, enterram-se em castelos escuros e decadentes, simbolicamente decorados com tapetes e tapeçarias bizarras que escondem o mundo real de sol, janelas, paredes e pisos (VANSPANCKEREN, 1994, p. 43).

Logo de início já podemos traçar um perfil de ambos os personagens. O contraste entre ambos é visível quando Egeu reflete sobre seu desequilíbrio e a graciosidade e energia de Berenice. O isolamento e falta de contato com o mundo externo faz parte da essência desse personagem.

Egeu descreve certa irritabilidade que o consome, assim como uma série de atitudes que podem caracterizar um comportamento melancólico, de isolamento e solidão. Em momentos de surto, provavelmente mental, o personagem relata “[...] perder toda sensação de movimento ou existência física [...]” (POE, 2012, p. 156). Sua solidão é também visível quando afirma preferir os seus soturnos aposentos.

Percebemos por meio desses fragmentos uma das marcas das narrativas de terror e mistério de Poe. A busca pela exploração de uma psique humana perturbada é o que define muitos contos do autor. Vanspanckeren afirma que “Todas essas histórias revelam o fascínio de Poe pela mente humana e o perturbador conhecimento científico que estava secularizando radicalmente a cosmovisão do século 19” (1994, p. 43).

Em um momento da narrativa, Berenice contrai uma doença fatal, o que a leva à morte. Quando estava acamada, Egeu contemplava seus belos dentes e, em sua mente perturbada, inicia uma veneração a eles, sentindo até que voltaria a ter paz apenas quando tivesse a posse deles. Ao visitar seu corpo, Egeu observa o dedo do cadáver estremecer e sorrir para ele. Apesar do choque, ele se vê contemplando novamente os alvos dentes de Berenice:

Deus do céu! — seria possível? Seria meu cérebro que variava — ou de fato o dedo da morta estremecera sob a alva mortalha que a envolvia? Paralisado de indizível temor vagorosamente ergui os olhos para o semblante do cadáver. Havia uma faixa cingindo os maxilares, mas, não sei como, ela se rompera. Os lábios lívidos entreabriam-se numa espécie de sorriso e, em meio à penumbra circundante, novamente resplandeceram diante de mim, com realidade por demais palpável, os dentes alvos, cintilantes, espectrais de Berenice. Afastei-me convulsivamente do leito e, sem pronunciar palavra, precipitei-me como um maníaco para fora daquele aposento de tríplice horror, mistério e morte (POE, 2012, p. 161).

Revista Moinhos. Tangará da Serra, vol.7, 2019.

Tendo em vista o que foi narrado até este ponto e o que ainda estaria por vir, podemos nos atentar ao fato de que, apesar de seus momentos de surto, aos quais muitas vezes não se lembrava do que havia feito, o protagonista tem momentos lúcidos e tenta reprimir seus pensamentos de loucura. Contudo, essa perturbação mental é visivelmente atenuada durante a narrativa a partir do acontecimento com Berenice.

A seguir, Egeu retoma sua consciência, sentindo-se com quem acabara de despertar de um pesadelo. Em seus ouvidos ele tenta entender porque escuta o som de uma voz feminina, perguntando a si mesmo o que acontecera. Os fatos vão se revelando ao leitor de maneira progressiva e intensa:

Na mesa ao meu lado ardia uma lamparina, e junto dela havia uma pequena caixa [...] como foi parar ali, sobre minha mesa, e por que estremei ao contemplá-la? [...] Então uma leve batida se fez ouvir na porta da biblioteca e, pálido como o ocupante de uma tumba, entrou um criado na ponta dos pés. Tinha os olhos esgazeados de terror e falou comigo numa voz trêmula, rouca e muito baixa (POE, 2012, p. 162).

É nesse ponto que toda a narrativa nos mostra o seu ápice. Em seus momentos de surto completo, e não se lembrando do ocorrido posteriormente, Egeu havia arrancado todos os dentes de sua amada, que havia voltado a vida no túmulo.

Nesse desfecho, assim como em diversas partes, observamos o fazer literário gótico em Poe. Existe nele o que Cortázar (1974) denominará de “uma tendência sádica”. Essa tendência, em alguns contos, acompanha uma “obsessão necrofílica”, característica que vem do inconsciente do autor, retratando a relação que alguns personagens têm por cadáveres. No caso de Egeu, isso se manifesta no momento em que ele continua obcecado pelos dentes de Berenice, mesmo ela estando morta. Seu inconsciente os desejava e sua loucura o fez consumir o ato.

O lado perverso de Egeu nos mostra a loucura e o que ela é capaz de fazer com o ser humano, mostrando também o poder das narrativas de Poe sobre os sentimentos do leitor. A verossimilhança dos acontecimentos faz o leitor se envolver ainda mais no que está sendo narrado, levando à sensação de choque e mostrando a beleza por meio do perverso.

O BARRIL DE AMONTILLADO

O conto *O Barril de Amontillado*, de Edgar Allan Poe, é uma narrativa simples e curta que conta a história de um homem cheio de desejo de vingança contra o seu desafeto, Fortunato. Em seu enredo, temos a noção de que o personagem principal, que narra a história, se vingará de Fortunato.

Revista Moinhos. Tangará da Serra, vol.7, 2019.

No decorrer da narrativa, o autor apresenta vestígios de como ocorrerá sua vingança, porém só temos esta certeza no fim. O protagonista executa sua vingança que acaba sendo lenta e dolorosa por meio de emparedamento do sujeito vivo, retomando, assim como em *Os Fatos do Caso do Sr. Valdemar*, a temática de morte-em-vida. Durante a narrativa o leitor é conduzido para um desfecho em que o final é algo cruel, pois apresenta o personagem principal simplesmente ouvindo e apreciando os últimos suspiros de sofrimento de seu desafeto.

Durante a leitura do conto, o leitor percebe a construção do plano de vingança do personagem principal e as condições psicológicas e de terror. Esse terror se manifesta em diversos momentos, sendo um deles o seguinte:

Uma sucessão de gritos altos e agudos, explodindo subitamente da garganta da forma acorrentada, como que atirou-me violentamente para trás. Por um breve momento hesitei — estremei. Desembainhando minha rapieira, comecei a tatear com ela em torno do recesso: mas bastou-me um instante de reflexão para me tranquilizar. Pousei a mão na estrutura sólida das catacumbas e dei-me por satisfeito (POE, 2012, p. 109).

O ódio que existe no personagem é transmitido para o leitor, é possível sentir cada parte do enredo com muita vivência, causando desta forma o terror.

Havíamos passado por paredes de ossos empilhados, com barris e tonéis entremeados, dentro dos recessos mais recônditos das catacumbas. Parei outra vez, e dessa feita tomei a liberdade de segurar Fortunato pelo braço, acima do cotovelo[...] (POE, 2012, p. 107).

Essa era a principal ideia que as obras poeanas transmitem, pois, conforme afirma Vanspanckeren, “em todos os gêneros, Poe explora a psique. Profundas intuições psicológicas faíscam em suas histórias” (1994, p. 44).

Durante a leitura do conto existe uma economia das palavras que de uma certa forma é preenchida com detalhes e descrições que deixa o conto criativo, breve e simples, faz nascer no leitor uma certa apreensão, um efeito imediato e único.

O ritmo das narrativas é tão adequado ao ritmo dos acontecimentos, que a sua economia não é uma questão de obrigatória brevidade (embora tenda para isso), mas, sim, de perfeita coerência entre duração e intensidade (CORTÁZAR, 1974, p. 125).

O conto transmite uma experiência única de catarse, faz ter pelos personagens uma identificação, seja pelo sentimento de vingança pelo personagem principal ou pelo sentimento de terror passado pelo personagem assassinado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura nos arrebatava, nos leva a outro mundo e nos traz sensações intensas e inesquecíveis. Percebemos que na literatura gótica, os efeitos nos invadem com prevalência. Ao ver o belo retratado pelo terror, horror, mistério, macabro, necrofilia, psique perturbada e perversidade humana, assim como outros nas obras de Edgar Allan Poe, podemos perceber os impactos que esse estilo literário gera no leitor.

Com base nos contos analisados, observamos algumas das produções de Poe que, recorrendo a seus temas transgressores, corroboraram para ocasionar um impacto na literatura. Percebe-se que os contos de Poe são construídos de tal forma, no que se refere à economia, que não haveria como retirar uma linha do que está escrito: cada palavra em seus contos é necessária para a sua compreensão como um todo. A verossimilhança observada nos contos dá-se pela construção da narrativa, muito bem construída, e o desenrolar dos acontecimentos.

Nunca temos a ideia de um ser e o mundo em sua volta nas narrativas, seus personagens são sempre retidos no seu próprio espaço (isolados), em suas próprias vidas, é como se apenas existissem aqueles personagens e aquele contexto. Acreditamos que esses personagens de Poe se manifestam pelo seu subconsciente, como um espelho que reflete os traumas psicológicos que permearam sua vida. Isso contribuiu essencialmente na definição das suas fontes de inspiração e a constituição de sua arte.

O efeito gótico é gerado a partir de uma atmosfera envolvente, como as que encontramos nos contos de Poe. O estranho faz com que suas obras conquistem os leitores, afinal é isso que lhes chama a atenção, configurando e dando um novo sentido à concepção de beleza, gerando o prazer mediante o susto e inesperado.

REFERÊNCIAS

CORTÁZAR, Júlio. Poe: o poeta, o narrador e o crítico. In: CORTÁZAR, Júlio. **Valise do cronópio**. Tradução: David Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 103-146.

MATROCA, Vânia. Efeito Dexter: O Paradoxo do Homicídio em Série. In: LIMA, Maria A. (Ed.). **Gótico Americano: Alguns percursos**. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2017. p. 177-194.

POE, Edgar Allan. **Contos de Imaginação e Mistério**. Tradução: Cássio de Arantes Leite. São Paulo: Tordesilhas, 2012.

SILVA, Rhuan F. S. O Horror na Literatura Gótica e Fantástica: Uma breve excursão de sua gênese à sua contemporaneidade. In: MAGALHÃES, Antonio C. M. *et al.* (org.). **O demoníaco na literatura**. Campina Grande: EDUEPB, 2012. p. 239-254. Disponível

Revista Moinhos. Tangará da Serra, vol.7, 2019.

em: <http://books.scielo.org/id/y742k/pdf/magalhaes-9788578791889.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2018.

VANSPANCKEREN, Kathryn. Período Romântico 1820-1860: Ficção. In:
VANSPANCKEREN, Kathryn. **Perfil da Literatura Americana**. Tradução: Marcia Biato. Estados Unidos: Departamento de Estado dos Estados Unidos da América, 1994. p. 38-48.